### FLUÊNCIA

### 1. INTRODUÇÃO

# MATERIAIS UTILIZADOS EM ALTA TEMPERATURA PODEM APRESENTAR:

- REDUÇÃO DA RESISTÊNCIA MECÂNICA COM A TEMPERATURA;
- ALTERAÇÕES ESTRUTURAIS COM O TEMPO E TEMPERATURA;
- OCORRÊNCIA DE TENSÕES TÉRMICAS;
- OXIDAÇÃO;
- CORROSÃO;
- FLUÊNCIA.

### FLUÊNCIA

### MATERIAIS UTILIZADOS EM ALTA TEMPERATURA DEVEM APRESENTAR RESISTÊNCIA À FLUÊNCIA

FLUÊNCIA: Acúmulo lento e progressivo de deformação ao longo do tempo, sob carga constante em altas temperaturas (para metais: acima de  $0,4 t_f$ ).

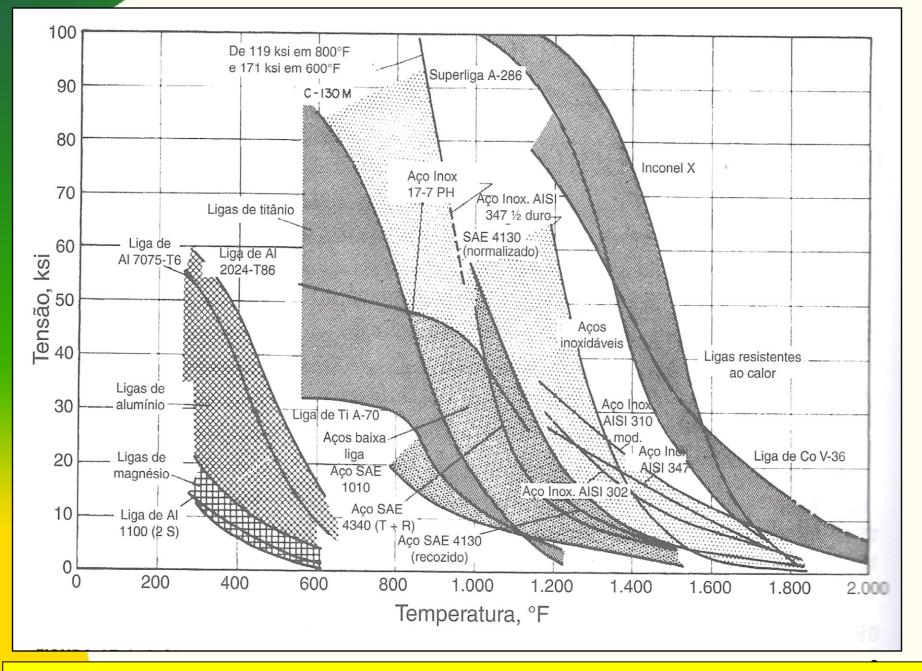
**Ex:** Para o Alumínio,  $T_f = 660^{\circ}\text{C} + 273\text{K} = 933\text{K}$ 

933K  $\times 0.4 = 373.2K - 273K = 100.2°C$ 

Ou seja, a faixa de temperatura a partir da qual o alumínio estará sujeito a fluência inicia em 100,2°C

- Os mecanismos de deformação por fluência estão relacionados à difusão dos átomos/vacâncias, movimento de discordâncias, escorregamentos de contornos de grãos. Pode ocorrer recristalização e recuperação durante o fenômeno;
- O processo de fratura tecnologicamente mais importante em alta temperatura é a Fratura por Fluência;
- A Fluência pode ocorrer em peças como:
  - Turbinas a vapor e aeronáutica;
  - Vasos de pressão em sistemas geradores de energia;
  - Filamento de lâmpadas, armações de óculos, tubos de plástico.
- O ensaio de Fluência é utilizado para análise dos materiais sob estas condições e que permitam evitar a falha por fluência.

- No caso de metais e cerâmicas cristalinas, a deformação por fluência é importante quando a temperatura de trabalho é da ordem de 30 a 60% da temperatura absoluta de fusão ( $T_{\rm fusão}$  em K ou  $T_{\rm m}$ );
- Fluência pode ocorrer em polímeros e vidros quando submetidos a carregamentos em temperaturas acima de  $T_g$  (temperatura de transição vítrea);
- Existe uma grande **diferença** no comportamento em **fluência** entre as **diferentes classes de metais.**



Tensão x Temperatura para causar 3% de deformação em um tempo de 10 min.

### Mecanismos de Deformação por Fluência

**Dowling** [2018]: **deformação plástica** que ocorre gradualmente, com o **tempo** (Creep Strain);

Kassner [2015]: fluência é um fenômeno associado à plasticidade dependente do tempo sob tensão constante, em temperatura elevada (>>0,5  $T_f$ );

Cowan [2014] e outros: temperatura de possível ocorrência do fenômeno de fluência a partir da temperatura homóloga  $(T_h=T_p/T_f)$ . [Helman, 1983];

### 1.Deformação em fluência por escoamento viscoso

- Alguns materiais sólidos comportam-se como um fluído de elevada viscosidade, o que geralmente ocorre com materiais amorfos como vidros de sílica e alguns polímeros quando solicitados mecanicamente;
- Quando uma tensão é aplicada, moléculas e grupos de moléculas movem-se umas em relação às outras e resultando em deformação dependente do tempo: fluência [Dowling, 2018];
- Da Mecânica dos Fluídos, tem-se que viscosidade (η) de um líquido é dada por: η=τ/ γ;

Onde,  $\tau$  é a tensão cisalhante e  $\dot{\gamma}$  a taxa de deformação angular.

- De forma análoga a viscosidade em tração, é:  $\eta' = \sigma/\dot{\epsilon}$ ;
- Para um fluído incompressível, tem-se que  $\eta' = 3\eta$ .
- A taxa de deformação em fluência:  $\dot{\varepsilon} = \sigma/\eta$

• Este tipo de movimento é dependente da temperatura. Tal situação é denominada de Ativação térmica e segue o modelo proposto por **Arrhenius**:

$$\dot{\varepsilon} = A e^{\frac{-Q}{RT}}$$

- $\dot{\mathcal{E}} = A e^{\frac{-Q}{RT}} \cdot Q \text{ \'e a energia de ativação, cal/mol ou J/mol e \'e a medida da barreira energética que deve ser vencida para o movimento molecular ocorrer.}$ 
  - Se Q é obtido em (cal / moles) R que é a constante dos gases é R = 2 cal/(K.mol) ou R = 8.31 J/(K.mol) se Q for obtido em J/moles.
  - T é dado em K.
- Ou ainda uma mais completa envolvendo a tensão e temperatura:

$$\dot{\varepsilon} = A_1 \sigma e^{\frac{-Q}{RT}}$$

- A1 depende do material e Q pode mudar se os mecanismos físicos forem alterados devido a mudança rápida da tensão ou temperatura.
- Esta equação é bastante importante quando a fluência é devida a escoamento viscoso.

Um caso particular de escoamento viscoso para materiais policristalinos é o deslizamento de contornos de grão, que alguns autores postulam ser um mecanismo específico, porém, normalmente, acompanha outros mecanismos.

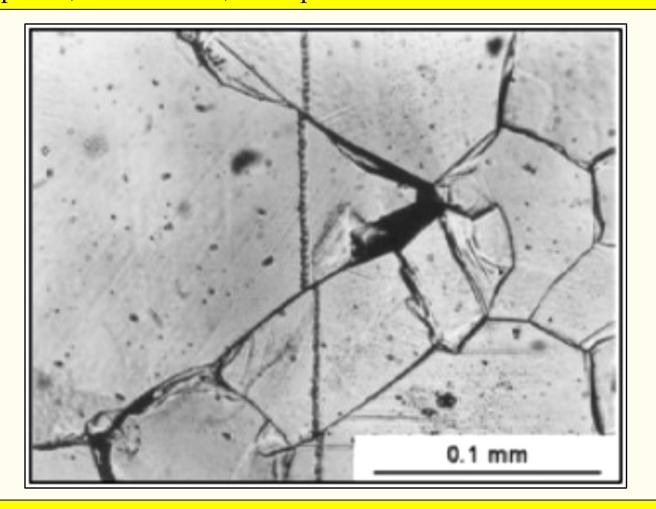


Imagem de MO apresentando o fenômeno de deslizamento de grãos. A seta mostra o risco desalinhado [Langdon, 2006].

• A taxa de deformação depende da área de contornos de grão por volume (A<sub>V</sub>) e é inversamente proporcional ao tamanho de grão (d):

$$\dot{\varepsilon_v} = A_V(\sigma/d) e^{(-Q_V/RT)}$$

- Se o deslizamento de contornos de grão fosse o único mecanismo ativo, haveria um acúmulo de material de um lado do grão e uma falta de material do outro lado, assim, para eliminar essa desigualdade, outros mecanismos são ativados como difusão, movimentação de discordâncias ou migração de contornos de grão;
- Nos primórdios: Deslizamento de CG era tido como principal e definia-se uma "temperatura de equicoesiva" como limite. Atualmente sabe-se que o deslizamento de contornos acompanha os diversos mecanismos de deformação por fluência;
- Maior contribuição em temperaturas **próximas à temperatura de fusão** e para materiais com **grãos submicrométricos**;
- É o principal na formação de **microcavidades** nos contornos de grãos, que provoca o fenômeno conhecido como **cavitação**.

#### 1.2 Fluência em Polímeros

- Abaixo de Tg, os efeitos de fluência são pequenos mas acima de Tg o efeito torna-se rapidamente significante;
- Como a **Tg** é geralmente entre **-100 e +200 °C**, ela **pode ser excedida mesmo abaixo** ou por volta da **temperatura ambiente**;
- No caso de **polímeros cristalinos**, o **escoamento viscoso** acontece em **temperaturas bem acima de Tg**., **especialmente próximo à temperatura de fusão**. **Neste caso**, a fluência ocorre pelo **escorregamento das cadeias moleculares** em uma maneira viscosa;
- O comportamento é mais complicado em **temperaturas intermediárias onde o comportamento é similar ao da borracha** e o escorregamento é **dificultado** e as cadeias estão mais facilmente enroladas, particularmente se as cadeias são longas;
- Outros obstáculos como ligações cruzadas e ramificações de cadeias podem reduzir a deformação por fluência;
- Estes **obstáculos** podem causar o **efeito memória** e após a remoção do carregamento as **deformações** tendem a **desaparecer** com o tempo.

#### 2. Fluência em Materiais Cristalinos

Uma equação geral do fenômeno de fluência em estado estacionário para materiais cristalinos é dada por:

$$\dot{\varepsilon} = \frac{A.\sigma^m}{T.d^q} e^{\frac{-Q}{RT}}$$

Onde,  $\epsilon$  é a taxa de deformação,  $\sigma$  é a tensão aplicada, d é o tamanho de grão médio, Q é energia de ativação, R é a constante universal dos gases. Os coeficientes A, Q, q e m dependem do material, e do mecanismo de deformação que está efetivamente atuando.

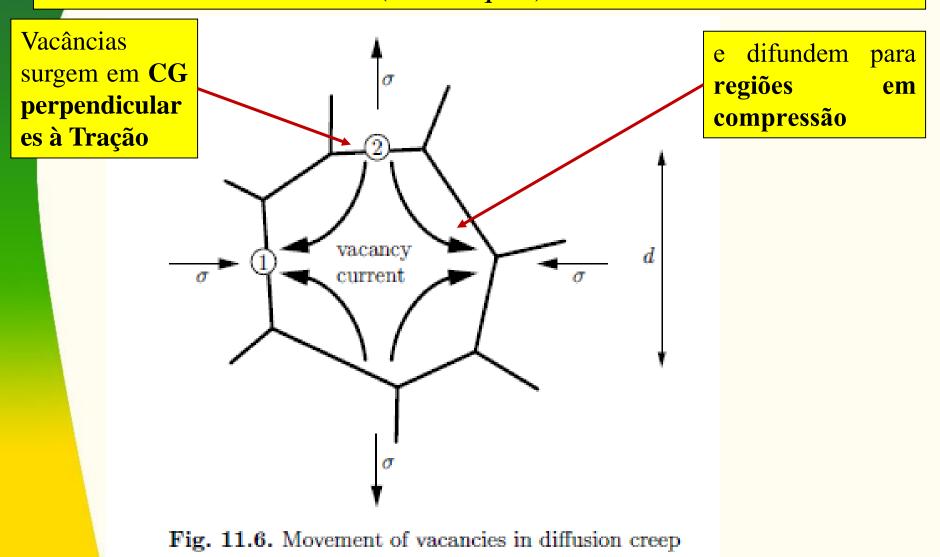
Mecanismo	m	q	Descrição
Fluência por difusão			Dfusão de vacâncias
mecanismo de Nabarro-Hering	1	2	pela rede cristalina
Fluência por difusão			Dfusão de vacâncias
mecanismo de Coble	1	3	pelos contornos de grão
Deslizamento de contornos de grão	2	2 ou 3	Deslizamento combinado com
			difusão de vacâncias pela rede
			(q=2) ou com difusão pelos
			contornos (q=3)
Movimentação de discordâncias	3 a 8	0	Movimentação de discordâncias.
			Escalagem.

Fonte: [Dowling, 2018]

### 2.1 Fluência Difusional

- Pode ocorrer em **baixas tensões**, mas requer **temperaturas relativamente altas**. Envolve difusão de vacâncias no retículo cristalino;
- Difusão de vacâncias pelo interior do grão: mecanismo de **fluência NABARRO-HERRING** (m=1 e q =2);
- Difusão pelos contornos de grão: mecanismo de **fluência COBLE** (m=1 e q =3);
- As vacâncias surgem em contornos de grãos perpendiculares à tensão trativa e difundem para os CG em tensões compressivas ou com baixos valores de tensões trativas. O material move na direção oposta.

## Difusão de vacâncias pelo interior do grão: mecanismo de **fluência NABARRO-HERRING** (m=1 e q =2)



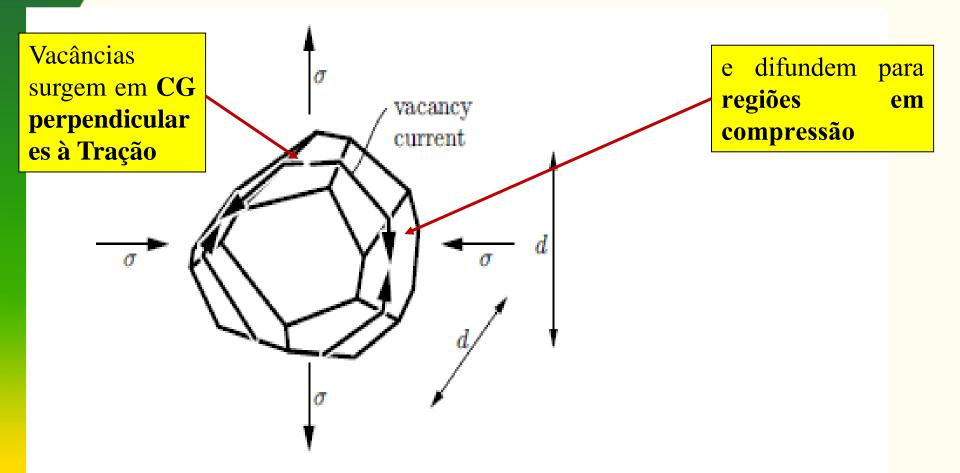


Fig. 11.7. Movement of vacancies along grain boundaries in diffusion creep

A taxa de deformação em **fluência** é **proporcional** ao **fluxo** (**j**) de vacâncias **dividido** pelo **tamanho** do grão (**d**)

$$j = -D_0 \exp \left(-\frac{Q_{ex}}{kT}\right) \frac{n_1 - n_2}{d}$$

$$= \frac{2\sigma\Omega}{dkT} D_0 \exp \left(-\frac{Q_{v} + Q_{ex}}{kT}\right)$$

$$\dot{\varepsilon} = A_{\rm NH} \frac{\sigma \Omega}{kT} \frac{D_0}{d^2} \exp\left(-\frac{Q_{\rm V} + Q_{\rm ex}}{kT}\right)$$

$$= A_{\rm NH} \frac{\sigma \Omega}{kT} \frac{D_{\rm V}}{d^2}.$$

 $k = 1,3806503 \cdot 10^{-23} \,\mathrm{J/K}$ 

Onde k é a constante de Boltzmann,  $A_{NH}$  é parâmetro do material (Nabarro-Herring),  $\sigma$  é a tensão aplicada,  $\Omega$  é o volume da vacância,  $D_0$  é a constante de difusão de vacâncias (termo préexponencial-coeficiente de difusão quando T tende ao infinito) .  $D_v$  é o coeficiente de difusão das vacâncias no material.

A taxa de deformação para fluência difusional nos contornos de grãos (Coble) é dada por:

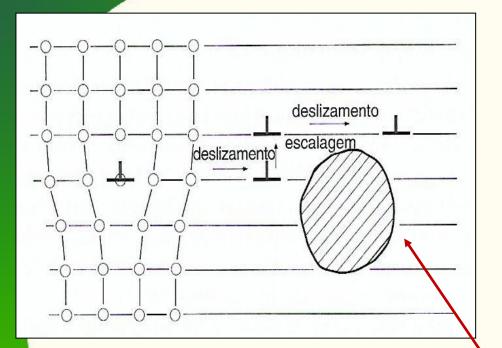
$$\dot{\varepsilon} = A_{\rm C} \frac{\sigma \Omega}{kT} \frac{\delta D_{\rm GB}}{d^3}$$
.

Onde  $A_C$  é outra constante do material, d é o diâmetro médio do grão e  $D_{GB}$  é o coeficiente de autodifusão nos contornos de grãos.

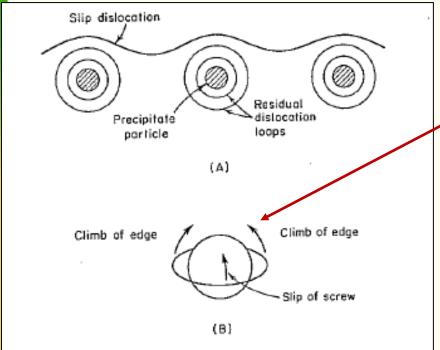
Existe ainda, o Mecanismo difusional de **Harper-Dorn:** apenas em **monocristais** ou materiais com estrutura grosseira. Depende da **escalagem de discordâncias em cunha**, que é **controlada pela difusão de lacunas:** alguns materiais metálicos, muito pouco em cerâmicas, pois a baixa Tg, favorece outros mecanismos, como Nabarro-Herring e Coble.

### 2.2 Fluência por movimentação de discordâncias

- Com o aumento de T, as LD podem escapar aos obstáculos emitindo ou recebendo vacâncias;
- Fluência por movimento de discordância (dislocation creep), envolve altas tensões, mas pode ocorrer em temperaturas intermediárias onde o escoamento difusional é baixo;
- O mecanismo é complexo e não é completamente entendido, sabe-se que a escalagem de discordâncias é importante e a taxa de def. é determinada pela taxa de emissão ou absorção de vacâncias

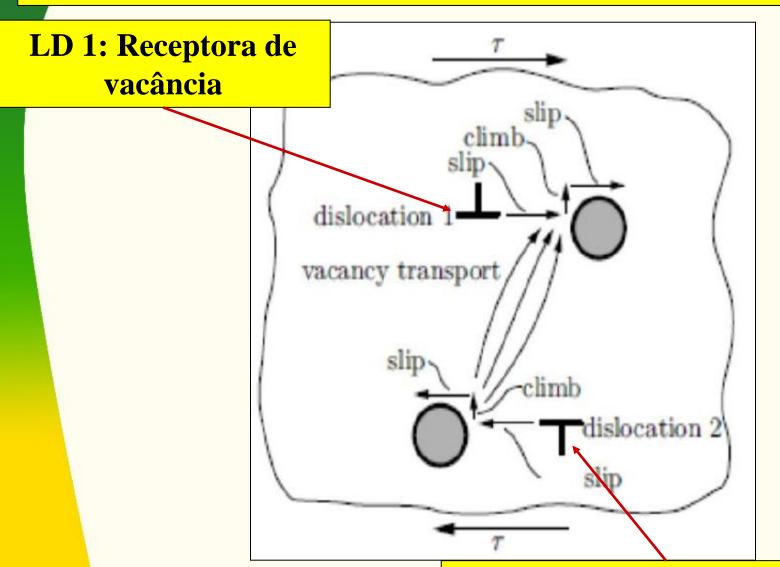


Mecanismo complexo, envolve a geração de vacâncias e a interação das LD mistas ou em anéis, com anéis de LD nos precipitados. Deformação da rede+ difusão de vacâncias: escalagem



**Precipitado** 

A LD absorve vacância, e emite, durante o deslizamento, para que a escalagem ocorra.



LD 2: Emissora de vacância

### A densidade de fluxo das vacâncias, j, é dada por

$$j = \frac{2\tau V^*}{lkT} D_0 \exp\left(-\frac{Q_{\rm V} + Q_{\rm ex}}{kT}\right) \,,$$

Onde V\* é o volume de ativação (*activation volume*), I é a distância entre os obstáculos

A taxa de deformação para fluência por movimento de discordâncias é proporcional a ao fluxo de vacâncias j e é dada por:

$$\dot{\varepsilon} = \frac{A\sigma^{3}}{kT} D_{0} \exp\left(-\frac{Q_{V} + Q_{ex}}{kT}\right) \qquad k = 1,3806503 \cdot 10^{-23} \text{ J/K}$$

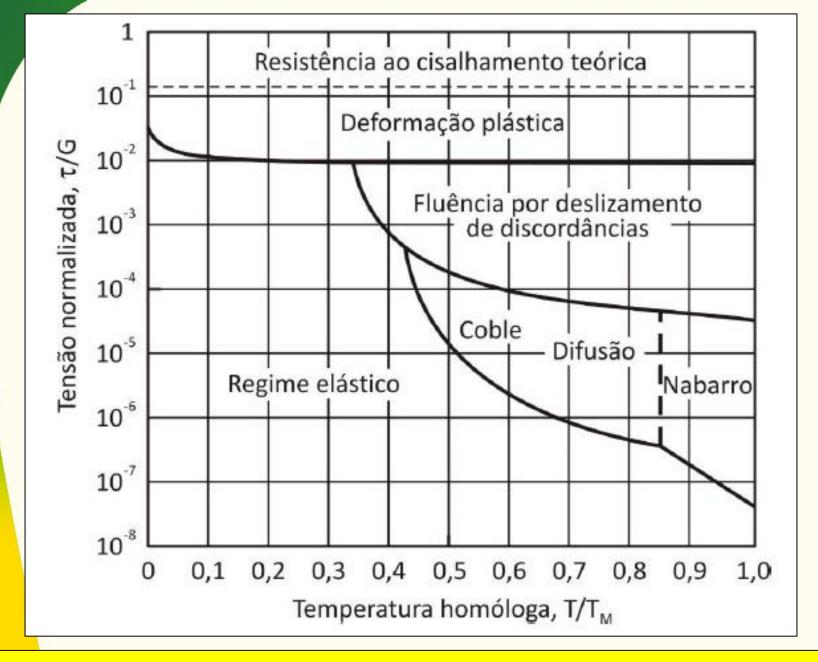
$$= \frac{A\sigma^{3}}{kT} D_{V}(T).$$

$$k = 1.3806503 \cdot 10^{-23} \,\mathrm{J/K}$$

k é a constante de **Boltzmann**, A é parâmetro do **material** determinada experimentalmente,  $\sigma$  é a tensão aplicada,  $Q_v$  é a energia de formação de uma vacância, Q<sub>ex</sub> é a energia para difusão da vacância, D<sub>0</sub> é o coeficiente de difusão de vacâncias (termo pré-exponencialcoeficiente de difusão quando T tende ao infinito). D<sub>v</sub> é o coeficiente de difusão das vacâncias no material.

### MAPAS DE MECANISMOS DE DEFORMAÇÃO

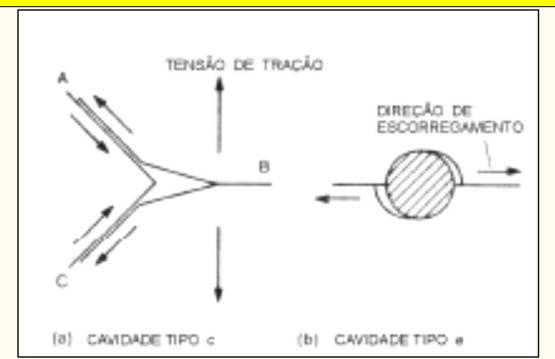
No caso de ocorrência de múltiplos mecanismos, o controle da velocidade de deformação será do mecanismo potencialmente mais lento. Os mapas de mecanismos de deformação criados por M. F. Ashby apresentam os possíveis mecanismos de fluência, de acordo com a tensão normalizada e temperatura homóloga. As **regiões demarcadas** nos "mapas de Asby" mostram as condições em que um determinado mecanismo governa a taxa de deformação para um dado material.



Mapa simplificado de mecanismos de fluência [adaptado de Cowan, 2014]

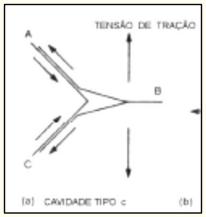
### MECANISMOS DE DEFORMAÇÃO EM FLUÊNCIA: CAVITAÇÃO

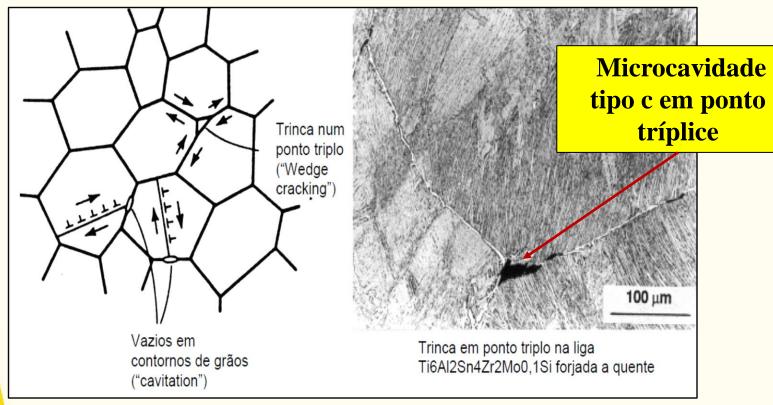
O mecanismo de **deslizamento de contornos de grão** é importante para o fenômeno da **cavitação**, que é um processo de fratura por fluência. A cavitação leva ao micromecanismo de **fratura intergranular** e se inicia com a formação de **microcavidades** ao longo dos **contornos de grão**, do tipo esféricas (**tipo e** ou **r**, do inglês *round*) e em ponto **tríplice**, que é o vértice de três grãos (**tipo c**, cunha ou **w**, do inglês *wedge*). Envolve a **difusão e coalescimento de vazios em CG.** 

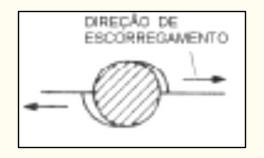


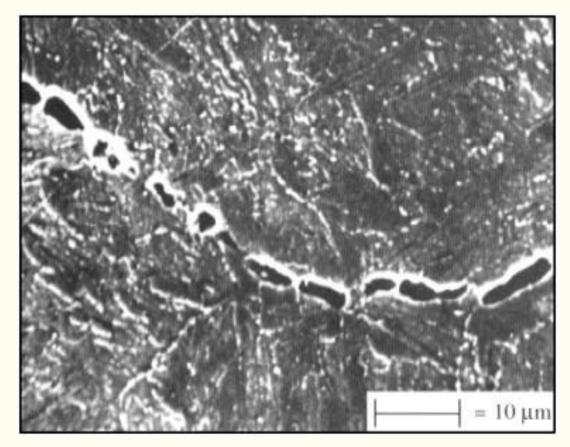
### MECANISMOS- DEFORMAÇÃO/FRATURA POR FLUÊNCIA

**CAVITAÇÃO** 







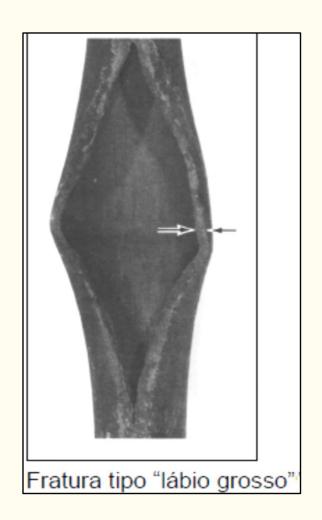


Microcavidades esféricas em contorno de grão [Silva, 1999].

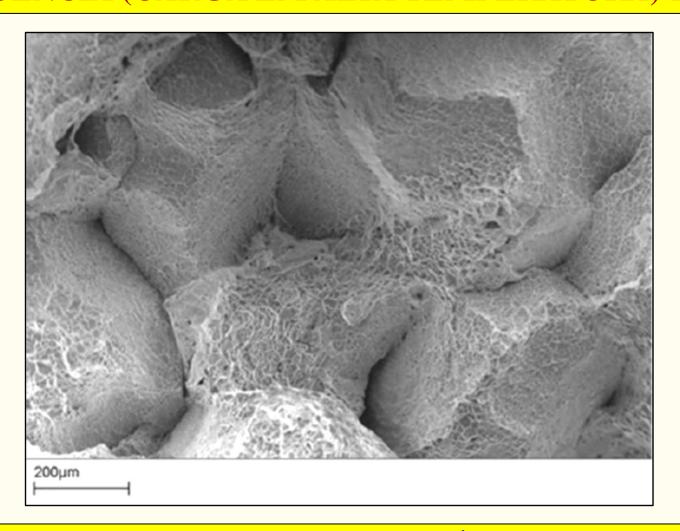
### FRATURA POR FLUÊNCIA

- Fratura por fluência propriamente dita: mecanismo de nucleação e propagação da fratura acontece sob fluência. Pode apresentar micromecanismo intergranular, por fenômenos internos de fragilização do contorno de grão, e transgranular, por excesso de deformação plástica;
- **Propagação** de fratura por **fluência**: propagação de uma trinca ou fratura pré-existente acontece sob fluência;
- Fraturas em **tubulações** em que passam fluídos em alta temperatura ocorrem por fluência;
- "lábio grosso" (superaquecimento de longa duração) e "lábio fino" (superaquecimento brusco).

"LÁBIO GROSSO": FRATURA INTERGRANULAR, **QUE OCORREU** LENTAMENTE, **AUMENTO MODERADO DE TEMPERATURA POR TEMPO** PROLONGADO, SOB TENSÕES MODERADAS. EX: **DESCONTROLE** DE TEMPERATURA DE **PROCESSO** 

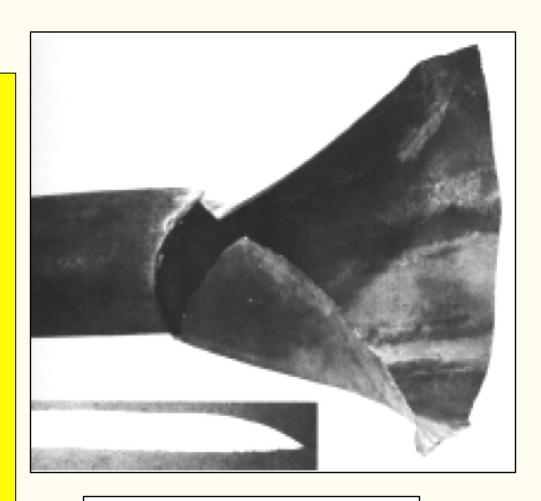


# SUPERFÍCIE DE FRATURA DE UM MATERIAL EXPOSTO À FLUÊNCIA (CARGA EM ALTA TEMPERATURA)-MEV



ASPECTO GERAL DA SUPERFÍCIE DE FRATURA INTERGRANULAR a 500°C e 350 MPa

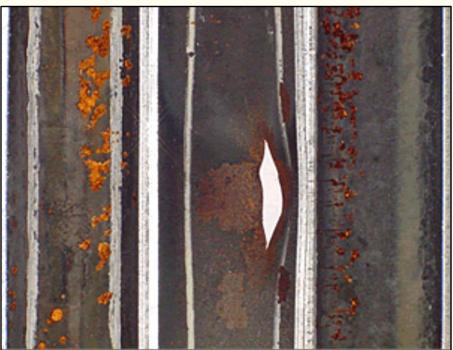
"LÁBIO FINO": FRATURA DUTIL-**AUMENTO BRUSCO DA** TEMPERATURA DE TRABALHO, POR **EXEMPLO, POR CORTE** ACIDENTAL DA ÁGUA CIRCULANTE. **GERALMENTE APRESENTA MECANISMO** TRANSGRANULAR.

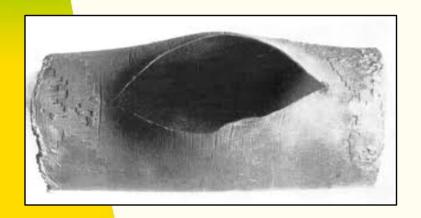


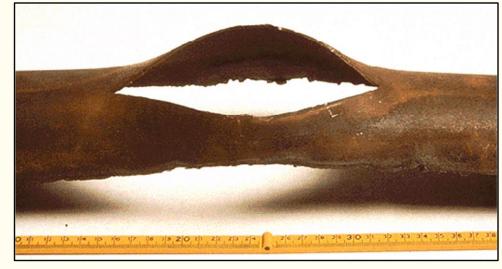
Fratura tipo "lábio fino"<sup>ı</sup>

### FRATURA POR FLUÊNCIA

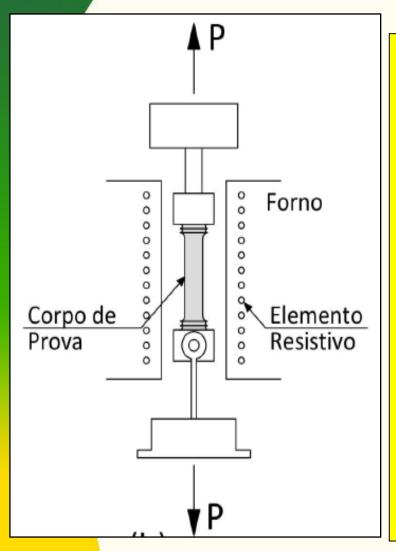








### 3. Ensaios de Fluência



- •O ensaio de **fluência** é executado pela **aplicação** de uma **carga uniaxial constante** a um **CP** de geometria **similar** a dos utilizados nos ensaios de **tração**, a uma **temperatura** "elevada" e **constante**;
- •O tempo de aplicação de carga é principalmente em função da vida útil esperada do componente que será fabricado com o material submetido ao ensaio;
- •As **deformações** do CP são **medidas** ao longo do **tempo** de realização do ensaio e indicadas na forma de uma curva ε x t.

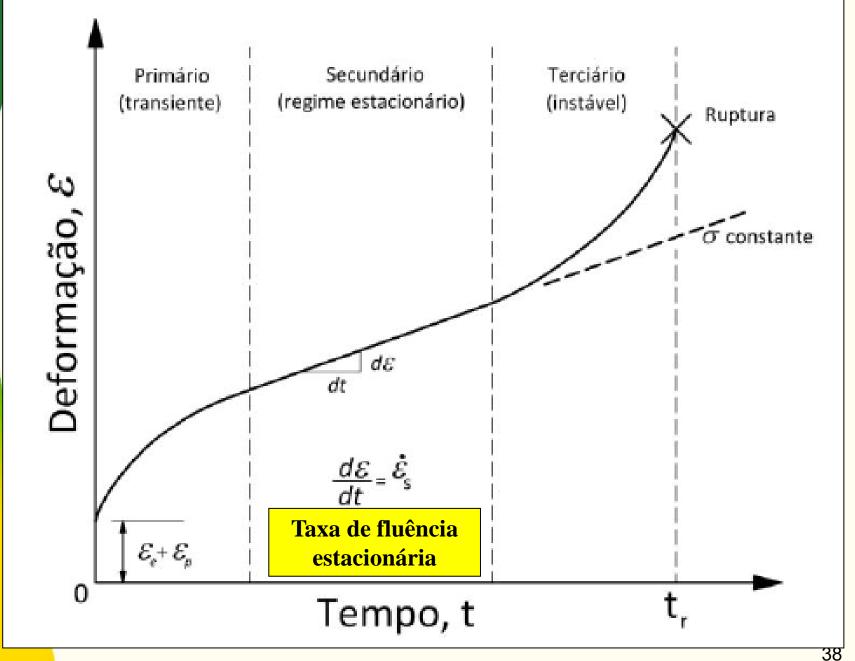


#### Ensaio de Fluência: curva ε x t

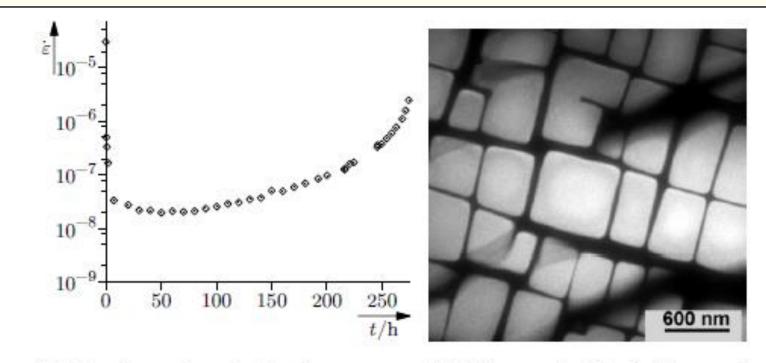
#### O ensaio de fluência pode ser dividido em três estágios:

- **Primário:** decréscimo contínuo da taxa de fluência (de/dt) em função do aumento de resistência devido ao encruamento
- Secundário: taxa de fluência constante, devido ao equilíbrio entre encruamento e recuperação (Temp. $\uparrow$ ). O parâmetro mais importante (taxa de fluência estacionária,  $\dot{\varepsilon}_s$ ) consiste na inclinação da curva nesse estágio
- Terciário: aumento da taxa de fluência devido à estricção do CP, aceleração da recuperação e cavitação: fratura.





Em alguns materiais, em temperaturas elevadas, por exemplo as partículas de precipitado podem coalescer com o tempo e não haver a região de fluência em regime estacionário (2° estágio), e a taxa aumenta continuadamente após um mínimo ser atingido, não há obstáculos para as LD. (superdiscordâncias)



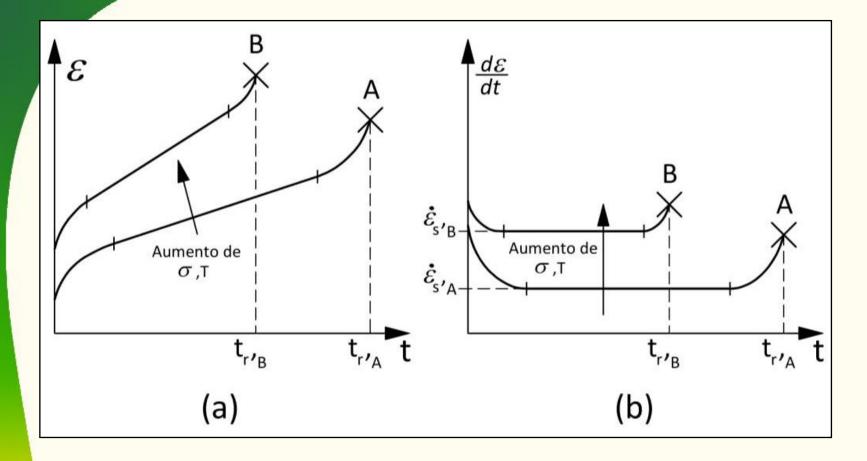
- versus time
- (a) Experimental results for the creep rate (b) Micrograph. The bright particles are the  $\gamma'$  precipitates (see also page 404)

Fig. 11.4. A nickel-base superalloy changes its microstructure during loading. There is no stationary value of the creep rate analoguous to figure 11.1(a)

Recordando: Superdiscordâncias são similares às parciais de Shockley unidas por um "contorno de antifase"(intersecção entre uma rede ordenada e desordenada: super-redes).

Ocorrem em super-redes como ligas de Ni, que apresentam precipitados Ni<sub>3</sub>Al. Uma discordância perfeita "divide-se" em duas para ultrapassar um obstáculo como um precipitado.

A importância das superdiscordâncias está relacionada ao pico de limite de escoamento que ocorre nestas ligas, com o aumento da temperatura. Por isso, este tipo de liga é indicado em aplicações como pás de turbinas e outros componentes sujeitos à fluência.



Efeitos do aumento da tensão e da temperatura: (a) na curva de fluência; (b) na taxa de deformação.

- Altera a inclinação da curva ε x t;
- Provoca aumento da taxa de deformação/taxa de fluência estacionária;
- Redução do tempo para fratura.

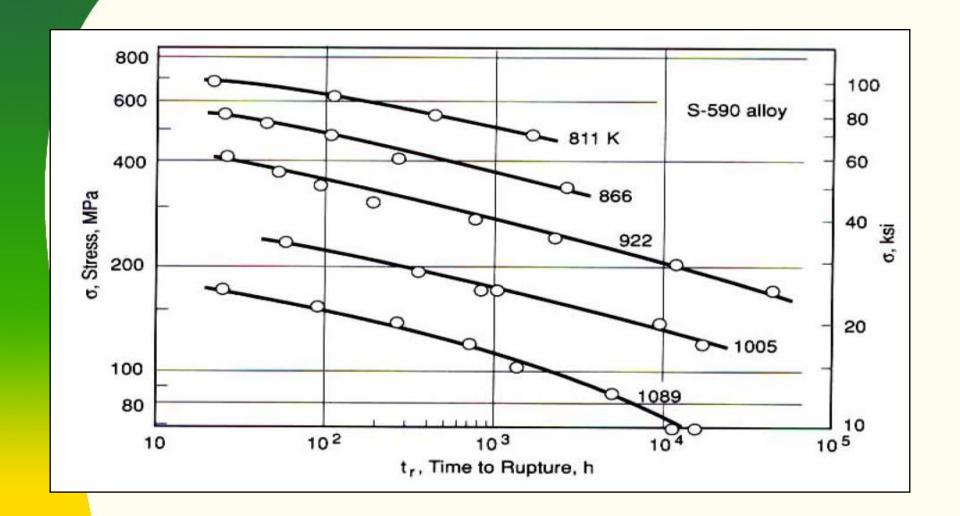


Creep curves for lead at  $17^{\circ}$ C from the early work of Andrade, where  $1 \text{ kg/cm}^2 = 0.0981 \text{ MPa}$ . (From [Andrade 14]; used with permission.)

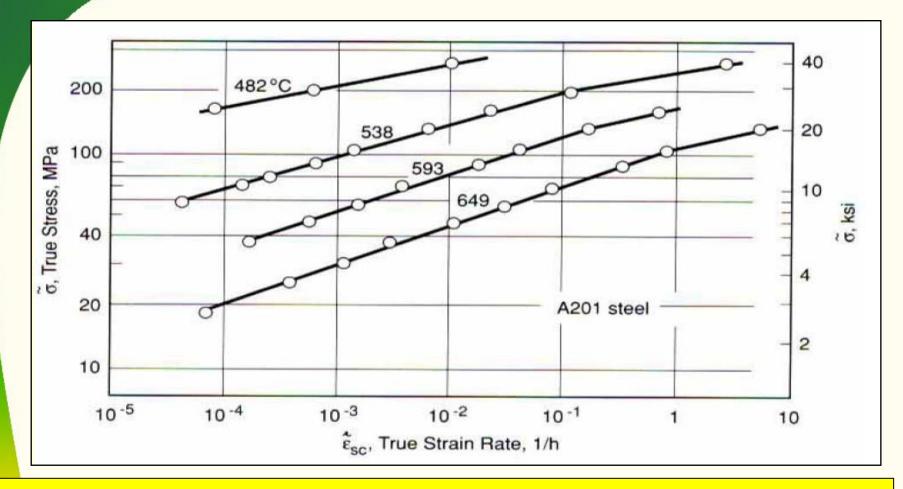
Em alguns casos a **aceleração do estágio terciário** não é devida a mudanças no comportamento do material, mas sim **devido a diminuição da secção transversal**. Isto causa o aumento da tensão verdadeira, que por sua vez causa um aumento da taxa de deformação. Se a estricção não for intensa, o 3º estágio pode não ocorrer.

#### Representação dos Resultados dos Ensaios de Fluência

- Os resultados do ensaio de fluência pode ser sumarizado considerando os quatro parâmetros seguintes:
  - Tensão (σ);
  - Temperatura;
  - Taxa de Fluência Estacionária  $(\dot{\varepsilon}_s)$ ,
  - Tempo de ruptura (t).
- Existe uma **grande variedade** de formas de se apresentar os dados de um ensaio de fluência em diferentes temperaturas e tensões.

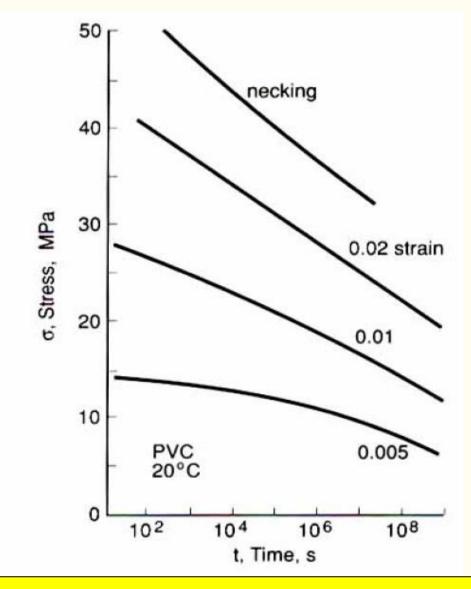


#### Tensão x Tempo de Ruptura



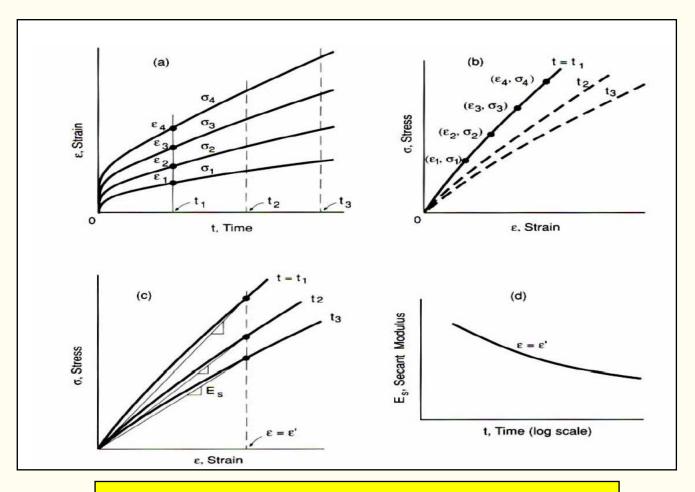
Tensão Verdadeira x Taxa de Deformação Verdadeira de regime em várias temperaturas

Se o ensaio for feito sob tensão verdadeira constante (com diminuição progressiva da carga compensando a redução de área), não se observa a transição para o terceiro estágio. O efeito da estricção é inibido.



Tensão x Tempo (para causar uma determinada deformação)

- Curvas σ x ε para tempo constante são muitas vezes necessárias;
- No caso de **polímeros** é muito comum a determinação do **módulo** secante  $E_s$ , correspondente a uma determinada deformação  $\varepsilon$ , que é então colocado em gráfico em função do tempo.



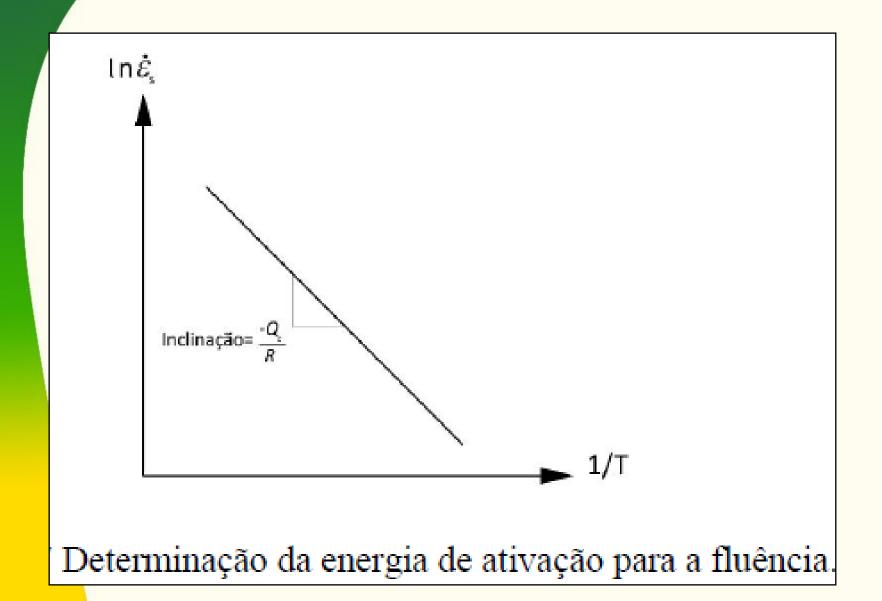
Curva σ x ε isócrona (mesmo tempo)

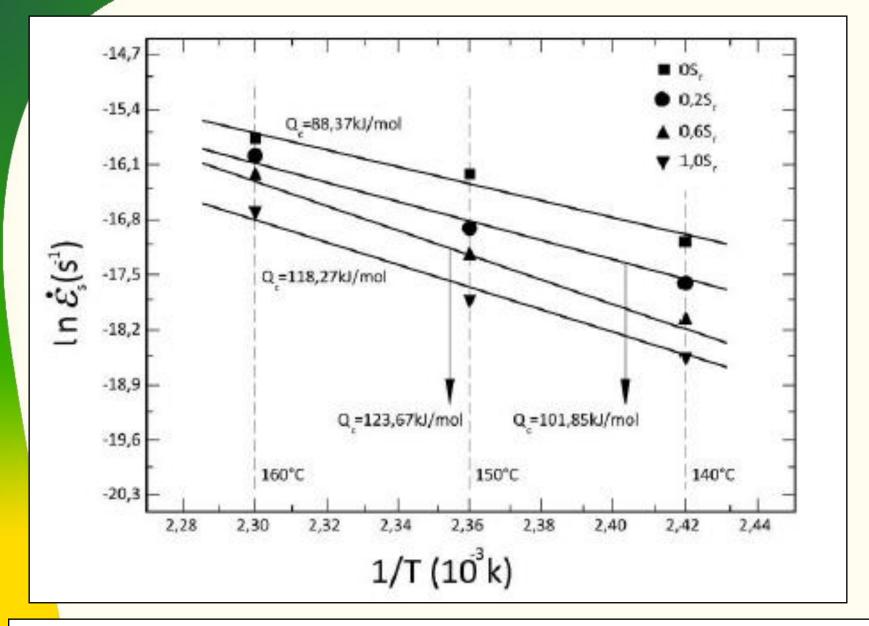
A fluência é um fenômeno termicamente ativado e existe uma energia de ativação para que ocorra, assim, a taxa de fluência estacionária  $(\dot{\varepsilon}_s)$  é regida por uma equação tipo Arrhenius:

$$\dot{\varepsilon}_{s} \propto \exp{-\left(\frac{Q_{c}}{RT}\right)}$$

Podemos, então aplicar o logaritmo neperiano:

$$\ln \dot{\varepsilon}_s \propto \left(-\frac{Q_c}{R}\right) \cdot \frac{1}{T}$$





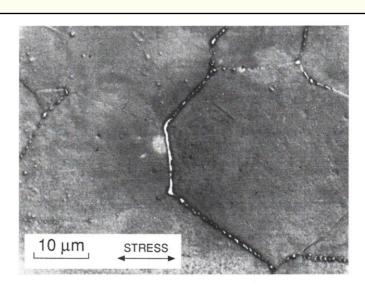
Resultados de fluência para ligas Al-Mg com 0,5% de concentrado de terras raras à base de Ce e diferentes adições de Sr [Zhang, 2017].

#### NORMAS PARA O ENSAIO DE FLUÊNCIA

- ASTM E139-11 Standard Test Methods for Conducting Creep, Creep-Rupture and Stress-Rupture Tests of Metallic Materials;
- **ASTM C1291-18** Standard Test Method for Elevated Temperature Tensile Creep Strain, Creep Strain Rate and Creep Time to Failure for Monolithic Advanced Ceramics;
- **ASTM D2990-17** Standard Test Methods for Tensile, Compressive and Flexural Creep and Creep-Rupture of Plastics.

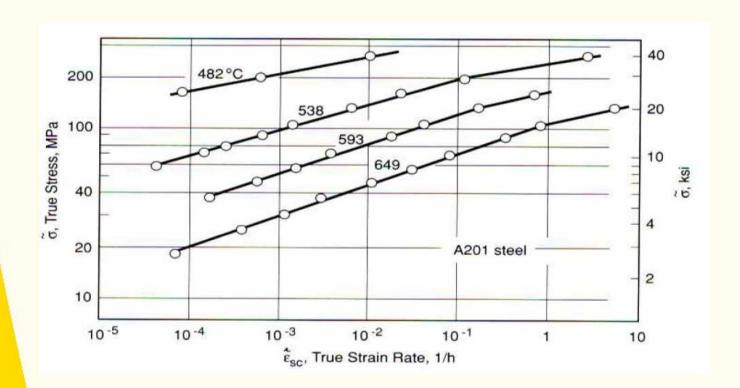
#### Parâmetro Tempo – Temperatura e Estimativa de Vida

- A **fluência** pode levar peças e dispositivos ao **rompimento**, por processos de fratura por difusão de vazios com evolução para microvazios, como a **cavitação**, já estudada;
- Em projetos de engenharia onde a fluência pode ocorrer, não deve acontecer excessiva deformação, nem a ruptura dentro da vida desejada em serviço;
- Em usinas térmicas ou nucleares, refinarias, industrias petroquímicas, etc, os reatores são projetados para vidas sob fluência de cerca de 200.000 horas (22 anos e 10 meses).



**Figure 15.18** Grain boundary cavitation and cracking due to creep in a tantalum alloy (T-111), tested under creep–fatigue interaction with temperature variation between 200 and 1150°C. (Adapted from [Sheffler 72].)

- Ensaios estão limitados a geralmente a 1000 h (42 dias), algumas vezes 10.000 h (14 meses), mas raramente 100.000 h (11 anos);
- Para estimativa do comportamento em baixas taxas de deformação e longas vidas, uma metodologia possível é estimar as deformações de fluência para a temperatura de serviço pela extrapolação da curva tensão x taxa de deformação.



- Um exemplo destas **metodologias** são a utilização resultados de **ensaios** de **curta duração**, em **temperatura acima** da de serviço, para estimar o comportamento para uma vida mais longa na temperatura de serviço.
- Tais metodologias envolvem o uso do parâmetro tempotemperatura. Os mais utilizados são:
  - Sherby-Dorn
  - Larson-Miller

#### Parâmetro de Sherby-Dorn (S-D)

• A equação de **Arrhenius é a base** para o **parâmetro S-D.** 

• Ele considera que  $\mathbf{Q}$  é constante e  $\mathbf{A} = \mathbf{A}(\sigma)$ . Assim, tem-se a equação na forma diferencial.

$$\dot{\varepsilon} = \frac{d\varepsilon}{dt} = A(\sigma) e^{\frac{-Q}{RT}}$$

$$d\varepsilon = A(\sigma)e^{\frac{-Q}{RT}}dt$$

• Integrando ambos os lados e descartando as constantes de integração, obtêm-se a deformação em regime estacionário (estágio II)

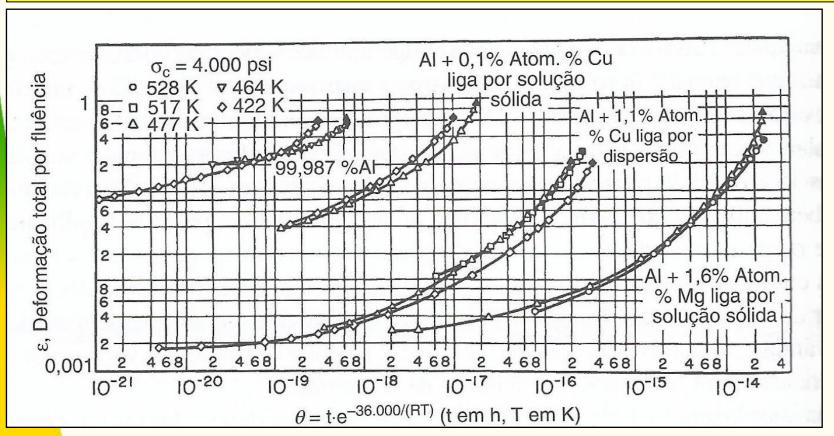
$$\varepsilon_{sc} = A(\sigma) t e^{\frac{-Q}{RT}}$$

• Esta equação sugere que as deformações de fluência para uma dada tensão, levam a uma única curva se colocada em gráfico de  $\theta = (\epsilon_{sc}/A(\sigma))$  em função de Q: -Q

$$\theta = t e^{\frac{-Q}{RT}}$$

• 0 é chamado de parâmetro temperatura- tempo compensado

- Para definir o parâmetro S-D, considera-se que:
  - A deformação em fluência na ruptura é aproximadamente constante para um dado θ (temperatura-tempo compensado), i.e., existe um θr, que depende somente da tensão para um determinado material;
  - Assim, para um material específico, uma única curva relaciona θr e a tensão para cada par temperatura e tempo de ruptura.



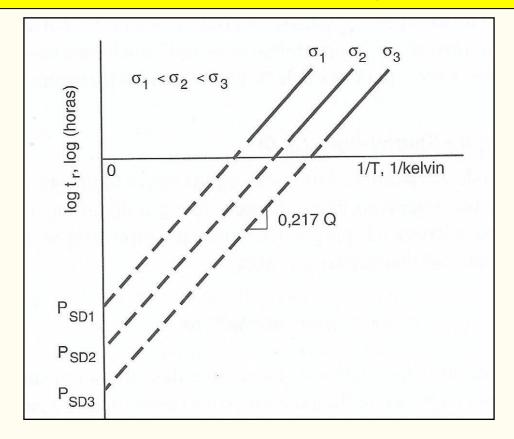
Desse modo, ao **invés** de trabalhar com  $\theta$ **r**, define-se o parâmetro **S-D** como sendo (R=2,0 [cal/(K.mole)]; log(e) = 0,434):

$$\theta = t e^{\frac{-Q}{RT}}$$

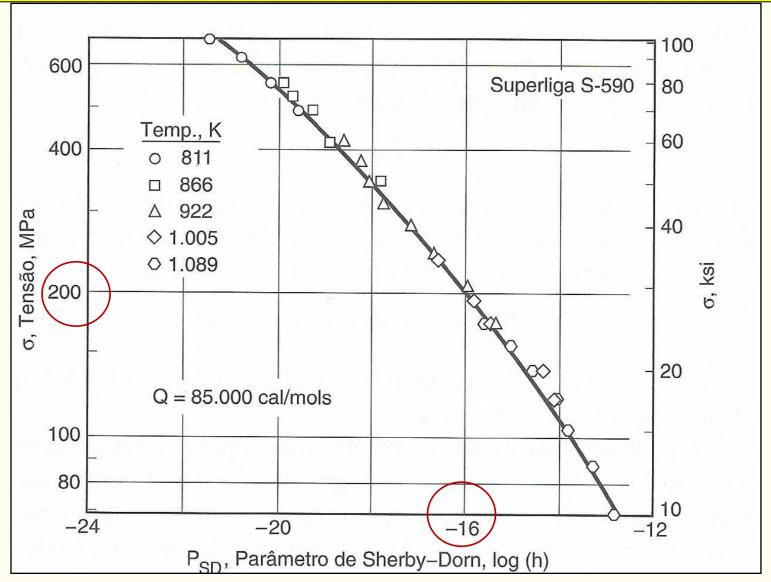
$$P_{S-D} = \log \theta r$$

$$P_{S-D} = \log t r - \frac{0.217Q}{T}$$

Com Q em cal/mol e T em K. Para determinação de Q usa-se



Uma vez determinado Q, os dados de Tensão – Vida (em fluência) podem ser empregados para obter-se a curva de  $P_{S-D}$  x  $\sigma$ .



#### EXEMPLO 15.2

Um componente de engenharia feito da superliga S-590, à base de Fe-Cr-Ni-Co e resistente ao calor, é submetido em serviço a uma tensão estática de 200 MPa a uma temperatura de 600 °C. Qual é a expectativa para a vida em dias para a ruptura por fluência?

#### Solução

A Figura 15.21 fornece a tensão necessária *versus* a curva  $P_{SD}$  e o valor de Q = 85.000 cal/mols para o material. Ao introduzir na curva  $\sigma = 200$  MPa, obtém-se  $P_{SD} \approx -16.0$ . A temperatura deve estar em kelvin para a Equação 15.16; isto é, T = 600 °C + 273 = 873 K. A Equação 15.16 fica então:

$$\log t_r = P_{SD} + \frac{0.217Q}{T} = -16 + \frac{0.217(85,000 \text{ cal/mole})}{873 \text{ K}} = 5.128$$

$$t_r = 10^{\log t_r} = 10^{5.128} = 134.400 \text{ horas} = 5.600 \text{ dias}$$
(Resposta)

#### Parâmetro de Larson-Miller(L-M)

• O parâmetro de Tempo-Temperatura de Larson e Miller é uma metodologia análoga a metodologia S-D. Da equação

$$\theta = t e^{\frac{-Q}{RT}}$$

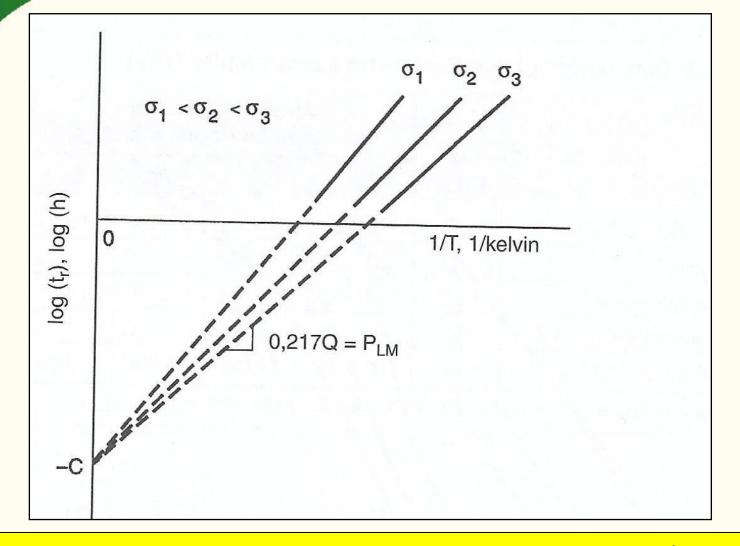
• Substitui-se  $\theta = \theta r$  e t = tr. Neste caso Q não é assumido constante e  $\theta r$  é constante. O termo é  $P_{L-M}$  é definido como:

$$\log \theta_r = \log t_r - 0.217 \frac{Q}{T}$$
  $P_{L-M} = 0.217Q$ 

• e é empregada uma constante  $C = - \log \theta r$ . Assim, tem-se:

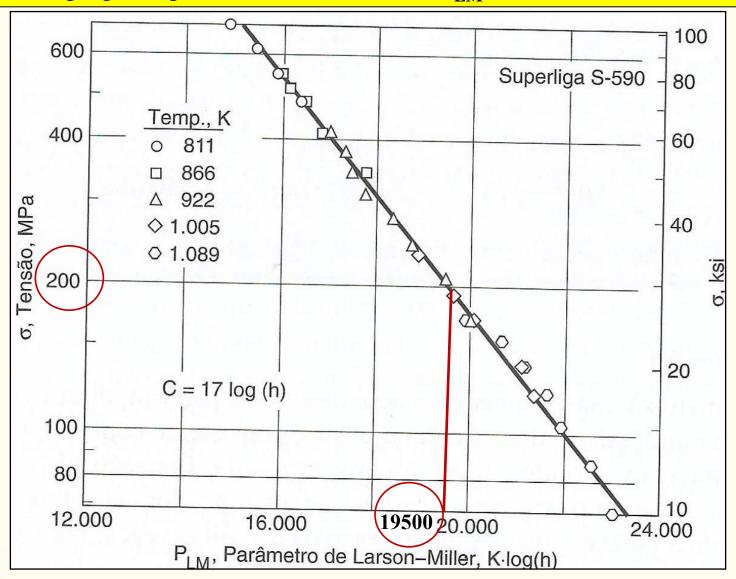
$$P_{L-M} = T(\log tr + C)$$

• C é uma constante do material e pode ser interpretado como uma extrapolação levando ao intercepto da curva log(tr) x (1/T).



Note que esta **metodologia** tem a **mesma base teórica** do parâmetro **S-D**, a **diferença** é que **Q não** é considerada **constante.** 

Uma vez determinado Q, os dados de Tensão – Vida (em fluência) podem ser empregados para obter-se a curva de  $P_{LM}$  x  $\sigma$ .



#### EXEMPLO 15.3

Considere novamente o Exemplo 15.2, porém utilizando o parâmetro de Larson-Miller.

#### Solução

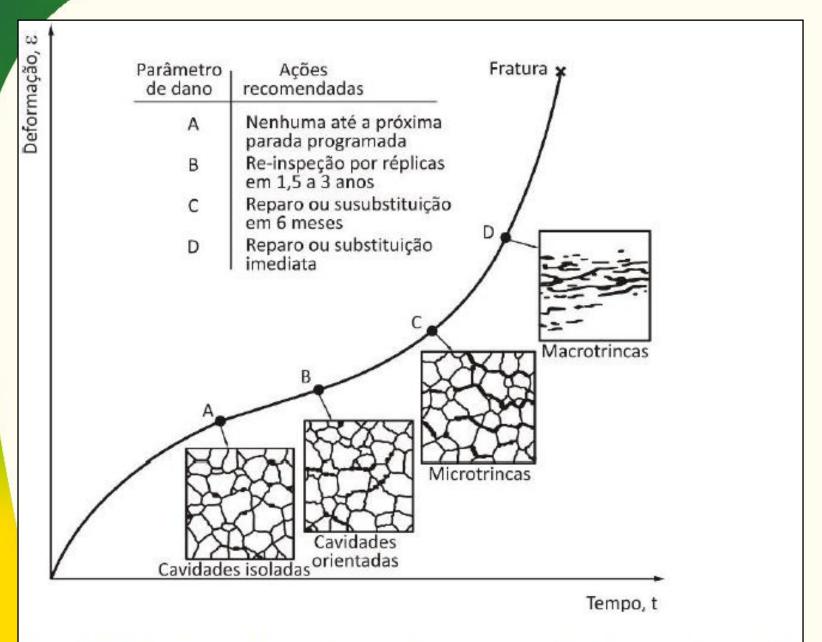
A lógica é a mesma de antes, exceto que agora é empregado o valor  $P_{LM}$  da Equação 15.17. A Figura 15.23 fornece a curva tensão *versus*  $P_{LM}$  necessária e o valor de  $C = 17\log(h)$  para este material. Ao entrar na curva com  $\sigma = 200$  MPa, obtém-se  $P_{LM} \approx 19.500$ . Empregando a Equação 15.17, com a temperatura em kelvin.  $T = 600 \, ^{\circ}\text{C} + 273 = 873 \, \text{K}$ , temos:

$$\log t_r = P_{SD} + \frac{P_{LM}}{T} - C = \frac{19.500}{873 \text{ K}} = 5,337$$
 (Resposta)  
 $t_r = 10^{\log t_r} = 10^{5,337} = 217.200 \text{ horas} = 9.050 \text{ dias}$ 

Note que o resultado difere razoavelmente do Exemplo 15.2, usando  $P_{SD}$ .

#### Método de Neubauer e Wedel

Levando em consideração que a fratura por fluência está relacionada à formação e crescimento de cavidades nos contornos de grão. Levando ao fenômeno da cavitação, Neubauer e Wedel fizeram várias observações em tubulações sob fluência e caracterizaram quatro classes de danos e ações a serem tomadas.. É baseado em inspeções por réplica metalográfica. Este método é bastante utilizado na indústria em inspeções de campo ou em equipamentos de grandes dimensões dos quais não é possível retirar amostras para análise metalográfica em laboratório. Consiste na preparação da superfície metálica, com lixamento, polimento e ataque químico. Posteriormente é aplicada uma resina polimérica que "copia" a microestrutura revelada. Essa resina é levada ao microscópio óptico, em laboratório.

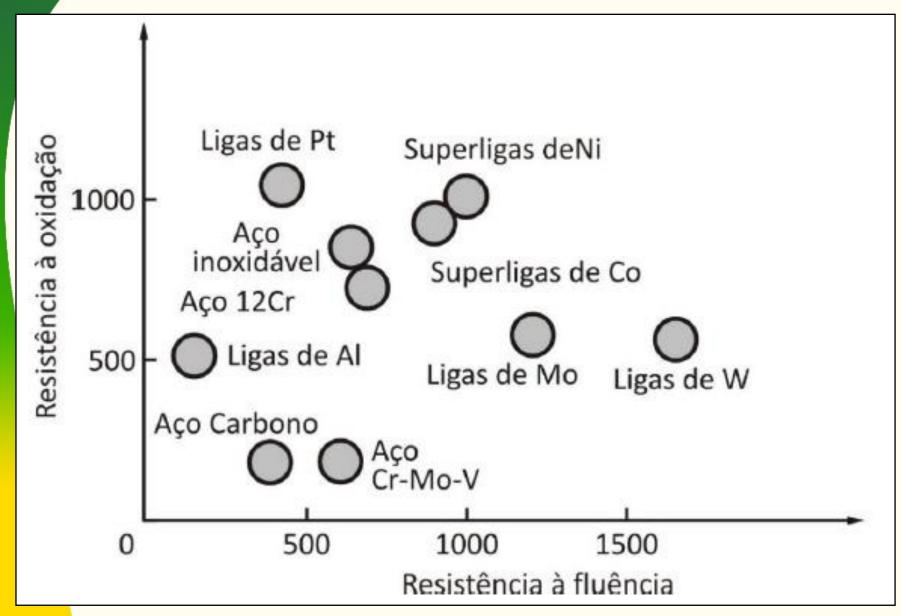


Método de Neubauer e Wedel relacionado à curva de fluência [Furtado, 2001].

# Outro problema: Oxidação superficial causada pela elevada temperatura



Figura 1 - Carepas na superfície do tarugo de aço (esquerda) e carepas eliminadas pelo processo (direita).



## POLICRISTAL OU MONOCRISTAL? TAMANHO DE GRÃO GRANDE OU PEQUENO?



- Baixas temperaturas: Em geral grão pequeno melhor;
- Altas temperaturas: Em geral grão grande melhor;
- No exemplo ao lado, o caso "b" (fundição unidirecional) apresenta tempo de ruptura 2,5X maior que o caso "a" (fundição convencional), e 9X maior para lâminas monocristalinas.

### FIM